



4

*As redes editoriais do ILARI no Rio da Prata e a modernização das ciências sociais durante a Guerra Fria cultural latino-americana**

The editorial networks of ILARI in Rio de la Plata and the modernization of the social sciences during the Latin American Cold War

Karina Jannello**, tradução: José de Souza Muniz Jr.

*Recebido em: 15.03.2018.
Aprovado em: 30.06.2018. Uma versão abreviada deste trabalho foi publicada na *Prismas: Revista de Historia Intelectual*, n. 22, 2018. Tradução de José de Souza Muniz Jr.

** Mestre em Sociologia da Cultura (IDAES/UNSAM), doutoranda na Universidad Nacional de La Plata (UNLP) e responsável pela Biblioteca e Hemeroteca do Centro de Documentación e Investigación de la Cultura de Izquierdas (CeDInCI). Email: kajannello@gmail.com

Resumo

O Instituto Latino-Americano de Relações Internacionais (ILARI), financiado pela Fundação Ford e vinculado ao controverso Congresso pela Liberdade da Cultura (CLC), estimulou desde seu início, em 1965, a renovação das ciências sociais na América Latina por meio de encontros e pesquisas, bem como da publicação da revista *Aportes* e de acordos com editoras locais – como Paidós e Jorge Álvares, de Buenos Aires, e Alfa, de Montevideú. Este trabalho aborda as políticas editoriais do ILARI, que se transformaram em um canal de legitimação e promoção da figura do cientista social, cuja emergência deve ser compreendida no marco da Guerra Fria cultural, marcada pelos debates sobre as possíveis vias de desenvolvimento das sociedades periféricas. Essa figura, que acaba por suplantar a do ensaísta e disputa espaço com a do intelectual comprometido e do intelectual revolucionário, aparece legitimada por um discurso sobre a modernização, associado a uma produção “objetiva” de saberes.

Palavras-chave: ciências sociais; Guerra Fria cultural; história do livro e da edição; modernização cultural; história intelectual.

Abstract

The Latin American Institute of International Relations (ILARI), funded by the Ford Foundation and related to the controversial Congress for the Freedom of Culture (CLC), promoted from its beginnings in 1965 the renewal of social sciences in Latin America through meetings and research projects, as well as the publishing of its magazine *Aportes* and agreements with different local publishers - such as Paidós and Jorge Álvarez from Buenos Aires, or Alfa from Montevideo. This paper addresses ILARI's publishing policies, which became a channel of legitimation and promotion of the figure of the social scientist, whose emergence must be understood in the framework of the cultural Cold War, marked by the debates on the possible paths of development for peripheral societies. This figure, which ends up supplanting that one of the essayist and disputing space with those of the committed intellectual and the revolutionary intellectual, appears legitimized by a discourse on modernization, associated with an "objective" production of knowledge.

Keywords: Social Sciences; Cultural Cold War; History of books and publishing; Cultural modernization; Intellectual History.



¹ Nascido em Bruxelas, seu verdadeiro nome era Charles Cortvint (1914-1977). Desde jovem, dedicou-se ao jornalismo por meio de sua militância anarquista. Exilado na América Latina depois da Guerra Civil Espanhola, voltou à França em meados dos anos 1940 e entrou para as fileiras do CLC em 1951. Em 1952, encontrava-se realizando tarefas para o Secretariado de Paris. Entre 1952 e 1953, acompanhou Julián Gorkin para organizar a expansão do CLC na América Latina e trabalhou para a revista *Preuves* como responsável por cobrir os problemas na região. Em 1961, substituiu Gorkin no Departamento Latino-Americano, onde começou um processo de reestruturação dos escritórios que culminou na criação do ILARI em 1966. Cf. LOS GIMENÓLOGOS (2009).

² “Seminario de Buenos Aires. Septiembre de 1962”, [s.f.], em: Universidade de Chicago, Fundo IACF, S. VI, B. 557, F. 9.

³ Embora o instituto tenha sido criado em 1958, ele abre suas portas na rua Florida em 1963. Para uma história de sua intervenção cultural, cf. KING (1985).

⁴ Carta de Horacio D. Rodríguez a John Hunt (2/06/1964) em: Universidade de Chicago, IACF, S. II, B. 79, F. 10.

⁵ Tal como o “Fórum sobre a situação agrária na América Latina”, realizado em Buenos Aires em 1964, do qual participaram também Horacio Giberti (UBA) e Jorge Ochoa de Aguilar (USAL).

Introdução

Em setembro de 1962, o fundador e futuro diretor do Instituto Latino-Americano de Relações Internacionais (ILARI), Louis Mercier Vega¹, recebia um relatório enviado por um agente argentino que qualificava o sociólogo Torcuato S. Di Tella como um “homem abastado e bastante capaz”, mas com uma orientação doutrinária e política “deveras equivocada. Considera-se um marxista puro... notoriamente pró-comunista e servidor incondicional do castrismo”². O comentário não passaria de uma anedota se, anos mais tarde, o ILARI não houvesse tentado se aproximar bastante do Instituto Di Tella (IDT) – que foi fundado em 1958 e, em meados dos anos 1960, havia se consolidado como um espaço progressista e modernizador, sobretudo nos âmbitos que mostravam grande dinamismo, como as artes e as ciências sociais³ – e emular suas políticas culturais, amparado na legitimidade de que gozavam por compartilhar uma mesma fonte de financiamento: as fundações Ford e Rockefeller.

Dois anos depois daquele comentário, a mão direita do presidente do Secretariado Internacional do Congresso pela Liberdade da Cultura (CLC), John Hunt, enviava ao jornalista Horacio Rodríguez, responsável pelo Centro Argentino pela Liberdade da Cultura (CALC), uma pequena nota perguntando se existia alguma possibilidade de colaboração com “this great foundation”, referindo-se ao IDT. Rodríguez, por sua vez, não hesita em desqualificar o instituto, apontando que “nem sempre se obtiveram trabalhos de boa qualidade”, embora reconheça que

trabalhe em sua “direção intelectual [...] uma equipe muito grande de pessoas. As mais eficientes delas colaboram também nas tarefas que levamos a cabo este ano [...] sem que isso implicasse, até agora, uma vinculação [...]”⁴. De fato, entre os nomes que formavam parte do Di Tella e colaboravam também no ILARI, estavam nada menos que os do sociólogo ítalo-argentino Gino Germani, o sociólogo uruguaio Aldo Solari e o crítico de arte Damián Bayón. Os dois primeiros fizeram parte do Conselho Assessor do ILARI e participaram de vários encontros organizados pelo CLC⁵. Além disso, Solari organizou, a partir do Instituto de Ciências Sociais da UDELAR, em Montevideu, o “Seminário sobre elites e desenvolvimento na América Latina”, promovido pelo CLC, junto ao sociólogo norte-americano Seymour Lipset, sobre o qual voltaremos a tratar mais adiante. No caso de Bayón, discípulo de Jorge Romero Brest, foi um colaborador frequente do órgão do CLC, a revista *Cuadernos*. Além disso, o ILARI conseguiu convocar Orlando Fals Borda para seu Conselho Assessor, ao passo que outros, como Juan F. Marsal, Florestan Fernandes, José Luiz de Imaz, José Nun ou Marcos Kaplan, que participaram da equipe da *Revista Latinoamericana de Sociología (RLS)* e publicavam nela, ou faziam suas pesquisas no marco do IDT, colaboraram com a revista *Aportes*, que o ILARI criou em 1966 para a área de sociologia e ciências sociais.

Essas redes e cruzamentos se produzem na década de 1960, anos de mudanças vertiginosas, nos quais a figura do intelectual sofre complexas mutações: por um lado, a emergência da figura do



⁶ Em 1957 o curso de Sociologia começou a funcionar na Faculdade de Filosofia e Letras (FFyL) da UBA, sob a direção de Gino Germani, que, além disso, assumiu a direção do Instituto de Sociologia. Em 1961, formava-se a primeira turma de sociólogos.

⁷ Assim o definia Mercier Vega numa carta a Benito Milla de 28 de setembro de 1961. Universidade de Chicago, IACF, S. VI, B. 566, F. 6.

⁸ O CLC se reúne pela primeira vez em Berlim e abre suas sessões no mesmo dia em que começa a Guerra da Coreia, 26 de junho de 1950. Entre os 200 delegados presentes, estavam nomes como Bertrand Russell, David Rousset, Ignacio Silone, Arthur Koestler, entre outros. Da América Latina, o único a partir foi Germán Arciniegas. Embora o CLC tenha sempre se apresentado como uma instituição cultural independente, proclamando a liberdade do pensamento e a resistência aos totalitarismos de qualquer espécie, no ano de 1966 o jornal New York Times revelou que ele havia sido financiado pela Central de Inteligência dos Estados Unidos (CIA) por meio de suas diversas fundações filantrópicas. Foram denunciadas, então, suas motivações “imperialistas” e foram acusados aqueles que haviam colaborado, ou ainda o

sociólogo profissional⁶ significou, no âmbito público, uma desvalorização relativa da figura do escritor, até então epônimo do intelectual; por outro lado, a crescente incidência da figura do intelectual comprometido e, com ela, a do intelectual revolucionário. Nesse novo cenário, a antiga figura do escritor passava a um segundo plano, enquanto o centro da cena passava a ser ocupado pelo intelectual revolucionário, cujo compromisso (subjetivo, digamos) com a “mudança social” entrava em disputa com o cientista social, cujas habilidades e conhecimentos (objetivos, digamos) ficavam associados aos novos saberes científicos. Na agitada década pós-revolução cubana, e sobretudo na segunda metade dos anos 1960, a sociologia científica conquistava definitivamente – por oposição à literatura social, à “sociologia de cátedra” e ao ensaísmo da primeira metade do século – a legitimidade dos saberes sobre a sociedade (BLANCO, 2008, p. 163-185), deslegitimando os escritores e ensaístas cuja cidade letrada começava um lento, mas inevitável, declínio.

Nesse contexto, o Congresso pela Liberdade da Cultura, organização atlantista que no começo da Guerra Fria havia colocado os pensadores liberais mais prestigiosos do mundo em pé de guerra contra os “totalitarismos” de esquerda ou de direita (entenda-se: “stalinista ou ultranacionalista”⁷), decide acompanhar essa guinada rumo à modernização dos saberes. No âmbito latino-americano, isso implicava afastar-se das antigas associações de escritores liberais e socialistas “em defesa da liberdade da cultura”, cuja criação ela havia promovido, na década de 1950, para incentivar a criação de

um grande centro de pesquisa social em escala latino-americana. É desse modo que, em 1966, criou-se o ILARI. Em certa medida, era uma continuação do Departamento Latino-Americano do CLC, mas a nova instituição foi refundada à imagem do IDT. Embora tenha tido uma vida curta, atada aos avatares políticos do CLC, ela se expandiria, de meados dos anos 1960 até 1972, em uma extensa rede de cientistas sociais, intelectuais e escritores que aspiravam à criação de um consenso de centro-esquerda, liberal democrático, distante tanto dos populismos latino-americanos como das esquerdas armadas e dos governos militares⁸.

Se nos anos 1950 o CLC havia conseguido congregiar escritores, políticos e diplomatas líbero-progressistas e socialistas, antigas figuras intelectuais empenhadas na defesa da democracia ocidental por meio do ataque ao comunismo *tout court* (embora a partir de posturas antimacartistas⁹) e ao nacionalismo popular ao estilo peronista, considerado por eles demagógico e antidemocrático; nos anos 1960 a estratégia se reorienta no sentido de conquistar uma imagem mais “moderna”, menos dependente do intelectual *universalista*, e atribuindo centralidade à figura do intelectual *específico*. Ou, para dizer em termos foucaultianos, “um cientista, um pesquisador que intervém na *polis* não em nome de grandes valores que o transcendam, mas utilizando seu saber” (TRAVERSO, 2014).

Uma grande parte da bibliografia sobre o CLC e a Guerra Fria cultural na América Latina, ao focar as lutas ideológicas do período, deixou de lado alguns aspectos e figuras que me interessa



faziam, de ser “agentes pagos pelo imperialismo”. Em 1967, o Congresso pela Liberdade da Cultura mudou seu nome para o de Associação Internacional pela Cultura e modificou algumas de suas estratégias. Entre outras fundações menores, financiaram esse espaço as fundações Ford e Rockefeller. Sobre o CLC na Europa e nos Estados Unidos, cf. COLEMAN (1989); SCOTT-SMITH (2002); STONOR SAUNDERS (2001); GRÉMION (1995). Sobre o CLC na América Latina, cf. IBER (2015) e meu próprio trabalho (JANNELLO, 2012).

⁹ A partir do pós-guerra, o Departamento de Estado dos Estados Unidos se dividiu entre duas posições anticomunistas antagônicas: uma linha dura macarthista, que defendia que o comunismo só poderia ser controlado por meio de políticas repressivas (*big stick*), e uma segunda linha que privilegiava a diplomacia, mediante políticas intervencionistas na cultura e na política locais. Esta última foi a que prevaleceu no CLC, que se pronunciou de forma crítica com relação ao macarthismo, porque considerava que essa linha oferecia elementos de resistência e empurrava as massas em direção ao comunismo. Cf. CHAVES (2015, 2011).

revisitar nestas páginas. Ofuscado pela comoção que a revelação de suas fontes de financiamento causou em 1966, o intenso trabalho de modernização cultural promovido pelo ILARI foi menosprezado, como se a trama de intelectuais, artistas e cientistas sociais articulados nessa rede tivesse sido uma espécie de reflexo condicionado do preço vil pago às custas do imperialismo.

Se uma das características do Congresso foi seu anticomunismo, essa perspectiva esquece que o anticomunismo dos intelectuais liberais, anarquistas e socialistas é muito anterior à criação da CIA, e antecede até mesmo a Guerra Fria. Certamente, o ILARI contratou seus funcionários, financiou rodadas de conferências, seminários de pesquisa, publicou revistas e promoveu, pela compra de uma parte das tiragens, a edição de livros. No entanto, as módicas cifras desembolsadas – cujos valores podem ser verificados na correspondência oficial ou informal do próprio ILARI –, em vez de confirmar a imagem de “compra” dos intelectuais com vistas a sua “conversão”, deixa explícita uma vontade política de oferecer recursos materiais e espaços de sociabilidade e produção a intelectuais que já tinham uma história prévia de disputa com o comunismo. A “utilização” dessas figuras pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos ou mesmo pela CIA não deve ser desprezada, mas tampouco absolutizada, uma vez que esses intelectuais, inclusive quando suspeitavam ou conheciam a origem dos fundos de financiamento, podiam aceitá-los na medida em que isso lhes facilitaria levar a cabo seus próprios projetos¹⁰.

Essa obsessão pelo financiamento – uma postura que frequentemente esquece que, do outro lado do espelho, os intelectuais comunistas, seus congressos e suas revistas se sustentavam com fontes equivalentes – obscureceu o fato de que o ILARI se constituiu a partir de um tecido preexistente, com um setor importante de intelectuais e militantes anarquistas, um anarquismo que acreditava-se estar inoperante naqueles anos ou sobre o qual se tinha quase nenhuma referência. O anticomunismo dessas redes em particular não proveio dos dólares da CIA, mas da experiência traumática da repressão sofrida na Rússia e na Ucrânia soviéticas, assim como na Espanha republicana, para mencionar dois dos momentos mais trágicos. Do diretor do ILARI, Louis Mercier Vega, principal promotor desses vínculos, até o espanhol Benito Milla, criador de projetos editoriais como Alfa, Monte Ávila e Laia, uma boa parte dos intelectuais que participaram como gestores culturais dessa trama foram também anarquistas ou se arrogavam um certo socialismo libertário e antiestalinista, ou mais diretamente anticomunista.

Políticas editoriais

O CLC se instalou definitivamente na América Latina em 1953, três anos depois de sua fundação na Europa. Embora tenha começado convocando um amplo leque de posições, tendo interpelado também certas frações das juventudes políticas que nos anos seguintes se radicalizariam¹¹, ao cumprir dez anos os escritórios nacionais, a maior parte deles comandados por velhos dirigentes socialistas,



¹⁰ Como aponta Gastón Gil, muitos dos cientistas sociais relativizaram as fontes de financiamento privilegiando a necessidade de dinheiro que os institutos tinham, argumentando que os intelectuais críticos podiam se servir da generosidade da filantropia e podiam “dosar” a informação que entregavam “ao império”. Também os exilados republicados, como Ignacio Iglesias ou Víctor Alba, argumentaram que o vínculo era utilitário: o *império* lhes fornecia meios para difundir ideais nas quais eles acreditavam e que, de outro modo, sem tais recursos, teriam sido silenciadas ou invisibilizadas. Cf. GIL (2011, p. 34-5); ALBA (1996); VERA (2006, p. 8-13).

¹¹ Militaram pela “liberdade da cultura”, entre outros, Juan Carlos Marín, Abel Alexis Latendorff e David Tieffenberg.

¹² Análise de modo mais detido as relações entre os *Cuadernos* de Paris e as associações latino-americanas na minha tese (JANNELLO, 2012, op. cit.). Para um mapa das redes do CLC, cf. JANNELLO (2014). Para um tratamento específico dos *Cuadernos*, cf. GLONDYS (2012).

¹³ Enquanto no Chile as publicações contaram com o selo

democratas cristãos e liberal-conservadores, encontravam-se debilitados. Apesar da liberação de recursos, com os quais as instituições norte-americanas de financiamento nutriam seminários, palestras e a edição de livros, panfletos e revistas, as sedes nacionais trabalhavam bastante desconectadas entre si, respondendo aos vaivéns da política local (no caso do Chile, primeiro contra o comunismo e logo contra o FRAP; na Argentina, contra o peronismo; na Bolívia, contra a revolução nacionalista de 1952 etc.). Além da já mencionada *Cuadernos*, editada em Paris por um conselho editorial que evidenciava uma forte marca do republicanismo espanhol (sobretudo dos ex-poumistas), houve diferentes empreendimentos de publicações periódicas locais financiadas pelo Departamento Latino-Americano do CLC, dirigido pelo poumista espanhol Julián Gorkin¹².

De todas essas atividades, casualmente os maiores recursos destinados à região se orientaram à política editorial. No princípio, as coleções apareciam respaldadas com selos editoriais próprios de cada associação nacional (Asociación Argentina por la Libertad de la Cultura, Asociación Uruguay etc.), ou então com selos de editoras oficiosas dirigidas, em geral, por membros de cada comitê. A seleção dos títulos seguia duas linhas bastante visíveis: uma consistia em traduzir volumes livres de direitos autorais que o escritório de Paris expressamente colocava à disposição, e outra que respondia aos problemas nacionais, cujos títulos e autores eram escolhidos com absoluta liberdade pela direção de cada comitê. A tesouraria do Comitê Internacional do CLC, com sede em Paris,

destinava recursos mensais para essas edições, que eram combinadas com cada escritório, caso a caso. Foram as sedes de Santiago do Chile, México e Buenos Aires as que concentraram a maior quantidade de recursos na década de 1950, editando localmente seu próprio catálogo e distribuindo uma parte variável da tiragem de cada título aos outros escritórios latino-americanos¹³.

Apesar desses continuados esforços, os catálogos dos selos do CLC foram se tornando antiquados no que diz respeito às tendências que apontavam para um processo de modernização editorial. No começo dos anos 1960, Julián Gorkin foi afastado. O novo e vicejante diretor do Departamento Latino-Americano do CLC, Louis Mercier Vega, buscava participar do processo de modernização cultural apelando para a legitimidade que a Sociologia em particular e as Ciências Sociais em geral iam conquistando no mundo da cultura, expandindo-se do centro (Estados Unidos) à periferia. Na América Latina, como mostra Alejandro Blanco, deu-se um processo de institucionalização e adoção de um padrão internacional que acompanhou a criação de institutos e a formação de profissionais. A Argentina, apesar do clima pouco favorável no começo dos anos 1950, teve um papel indiscutível graças às iniciativas de Alfredo Poviña¹⁴, que, junto a um grupo de sociólogos latino-americanos, criou a Associação Latino-Americana de Sociologia, mas fundamentalmente em função da renovação empreendida a partir de 1955 por Gino Germani, que dá o pontapé inicial para a recepção das teorias sociológicas de Robert Merton e Talcott Parsons a partir do Instituto de Sociologia,



próprio da Associação Chilena pela Liberdade da Cultura e da Editorial del Pacífico – cujo dono era o jornalista democrata cristão Alejandro Magnet –, em Buenos Aires isso foi feito com o selo da Associação Argentina pela Liberdade da Cultura, assim como pelas editoras Bases e Bell (esta última uma espécie de selo da Bases), propriedade do socialista Juan Antonio Solari. Alguns empreendimentos foram lançados por outras editoras amigas, como Editorial Marymar, de Isay Klasse, e Ediciones Populares Argentinas (segunda época, também associada a Juan A. Solari). No Uruguai, os títulos se dividiram entre os selos do Comitê Uruguaio e Ediciones Continente, casa editorial que havia sido criada *ad hoc* pelo médico e cientista Clemente Estable, membro do escritório de Montevideu. Cf. JANNELLO (2013, 2014).

¹⁴ Discípulo de Raúl Orgaz, havia sido professor adjunto na cátedra de Ricardo Levene e assumiu como titular quando este renunciou, em 1948 (BLANCO, 2008, p. 71-4).

¹⁵ A ideia de Mercier Vega era, além de concretizar o ILARI, organizar um “instituto latino-americano de arquivos de história social”. Apesar de ter tentado fazê-lo em vários países, todos os

no marco da reestruturação do sistema universitário que desembocou, naquele momento, num intenso processo de modernização que incluía, entre outras coisas, uma departamentalização ao estilo americano (BLANCO, 2008, p. 187-216). Essas reformas tentavam solucionar o problema da falta de recursos que havia sistematicamente afligido os institutos de pesquisa (GIL, 2011, p. 88-9).

A modernização extrapolou o âmbito da universidade pública e chegou a espaços privados, como o Centro de Investigaciones Comparadas (CIC) do Di Tella. O CIC, financiado pela Fundação Rockefeller (GERMANI, 2004), começou suas atividades em 1964 por obra de Gino Germani e, em 1965, lançava o primeiro número de sua *Revista Latinoamericana de Sociología (RLS)*, junto a uma profícua produção de trabalhos que incluíram livros, boletins, folhetos e relatórios de pesquisa sob o selo editorial do próprio instituto.

Paralelamente, inspirado no Instituto de História Social de Amsterdã¹⁵, Mercier Vega estava empenhado, desde 1961, a integrar as associações latino-americanas no fluxo de modernização cultural e editorial. Assim, no mesmo ano da criação do CIC, o Departamento Latino-Americano do CLC apoiou a inauguração, na cidade de Assunção e no Paraguai do General Stroessner, do Centro Paraguayo de Estudios Sociológicos, a partir do qual se lançou a *Revista Paraguaya de Sociología*, que foi a primeira de várias das publicações que seriam editadas no Cone Sul sob seu guarda-chuva¹⁶.

Além disso, na Argentina e no Uruguai, Mercier Vega convocou grupos de jovens pesquisadores dirigidos por profissionais formados que abordavam os problemas sociais da região. Em abril de 1965, sob o selo da editora Alfa (com patrocínio do CLC), apareceu em Montevideu a *Temas. Revista de cultura*, que, apesar de apresentar-se como uma publicação literária, também contemplou o ensaio “com incursões pelo político e pelo social”¹⁷. Para o ano de 1966, e graças ao novo ILARI, Mercier Vega lançava aquelas que seriam suas iniciativas de publicação periódica mais reconhecidas e difundidas: *Aportes. Revista trimestral de ciencias sociales* (1966-1972) e a polêmica *Mundo Nuevo* (1966-1971)¹⁸.

No que concerne à política editorial, ao contrário dos anos 1950, o CLC evitaria, nessa nova etapa, as edições com selo próprio (com algumas poucas exceções)¹⁹, promovendo, ao invés disso, a “terceirização” por meio de diferentes editoras. O sistema, amplamente utilizado décadas depois pelos centros de pesquisa, consistia em propor um título a uma editora de prestígio, combinando a compra de um certo número de exemplares – naquela ocasião, o equivalente a 300 dólares americanos –²⁰, compra que cobria pelo menos os custos diretos de edição e impressão. O restante da tiragem era comercializado pela editora por meio de seus circuitos habituais e em benefício próprio²¹. Os exemplares adquiridos pelo CLC eram enviados às diferentes sedes latino-americanas, que se responsabilizavam por sua divulgação.

Argentina e Uruguai foram, sem dúvidas, os escritórios mais ativos da região nos anos 1960²². Em Buenos Aires, a partir de



empreendimentos foram efêmeros e terminaram quando o ILARI teve de fechar as portas. Em Buenos Aires, criou-se um arquivo modesto nas instalações da rua Uruguay 666. Em Montevideu, Mercier Vega tentou envolver Gustavo Beyhaut (1924-2011) na empreitada, mas o historiador das ideias libertárias não aceitou o convite, pois estava partindo para Paris, onde Fernand Braudel havia sido designado como *directeur d'études associe* na École des Hautes Études. Ele lhe sugere, então, que convide Juan Antonio Oddone, Benjamín Nahún ou José Pedro Narrán, embora a iniciativa aparentemente não tenha tido respostas para além disso. Correspondência entre Luis Mercier Vega e Gustavo Beyhaut (27/12 e 31/12 de 1963), Universidade de Chicago, Fundo IACF, B. 566, F. 6.

¹⁶ O CPES foi fundado pelo filósofo e sociólogo Domingo Rivarola em março de 1964. Em setembro, saía o número 1 de sua revista, na qual se reproduziam “pesquisas que [o ILARI] auspiciou sobre aspectos da estrutura social do Paraguai” (*Revista Paraguaya de Sociología*, n. 1, set.-dez. 1964, p. 6).

¹⁷ Benito Milla financiou a segunda “temporada” da revista *Número* com a ajuda do CLC,

1964, Horacio Daniel Rodríguez (Programa de Ciências Humanas), Oscar Serrat (Biblioteca, arquivo e administração) y Héctor A. Murena (Programa de Belas-Artes) ficariam responsáveis pela administração com o Centro Argentino pela Liberdade da Cultura (CALC)²³ – os dois primeiros eram socialistas democráticos e o segundo era secretário de redação da legendaria revista *Sur*, o que replicava o velho modelo organizacional do escritório portenho nos anos 1950²⁴. Já no Uruguai, após alguns anos de inatividade, reabriu-se a sede com o nome de Centro Uruguayo de Promoción Cultural (CUPC), por iniciativa do anarquista espanhol exilado, proprietário da editora Alfa, Benito Milla. Acompanharam-no na empreitada seu filho Leonardo e o poeta Hugo García Robles (JANNELLO, 2014).

O novo programa de edição pressupunha um trabalho intenso para reverter a imagem anacrônica que, no início dos anos 1960, tinham as sedes latino-americanas de serem centros de “propaganda antissoviética, com orientação conservadora”²⁴. Comprometida com os programas desenvolvimentistas e modernizadores, a proposta buscou conquistar uma certa competitividade que havia posicionado os trabalhos do ILARI como uma “produção de melhor nível que a de outros organismos”²⁵. Consistiu, sobretudo, em editar os resultados das pesquisas realizadas pelos grupos de trabalho e as apresentações realizadas em mesas redondas e seminários²⁶, mas também em difundir pesquisas de instituições que promoviam o desenvolvimentismo, como o Centro para el Desarrollo Económico y Social para América Latina (DESAL), a Faculdade Latino-

Americana de Ciências Sociais (FLACSO) e a Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL)²⁷.

Convocaram-se, então, jovens camadas de universitários para que formassem parte dos grupos de trabalho que funcionavam nos renovados institutos das universidades, dirigidos por figuras como Gino Germani na Argentina, Jorge Ahumada no Chile e Aldo Solari no Uruguai. A ideia que prevalecia era que os programas de pesquisa deviam ser estabelecidos por “um sociólogo, para que tenham valor e se desenvolvam de maneira equilibrada”²⁸.

Edições portenhas

Em 1962, na Argentina, já se haviam constituído três grupos de trabalho, cada um com seu próprio tema, e continuaram aumentando ano após ano²⁹. A partir de 1964, começaram a surgir resultados concretos, que podem ser rastreados por meio de diferentes publicações em formato livro, folheto ou em forma de artigo de revista. Essas equipes, ademais, faziam apresentações em um ciclo de mesas de debate chamado “Martes informales” (“Terças-feiras informais”), que replicava as reuniões que a revista *Preuves* (CLC, s.d.) havia iniciado em Paris, que congregavam diversas personalidades do mundo intelectual e nas quais se debatia um tema, a modo de seminário.

Por outro lado, o ILARI fomentou a circulação de visitas internacionais e inter-regionais³⁰, e planejou um programa de seminários chamado “Comunidad Abierta”, num primeiro momento coordenado pelo sociólogo norte-americano Daniel Bell³¹, outro ex-



ajuda que consistia na compra de um lote de cada tiragem para distribuir em sua lista própria de assinantes. Porém, assim que surgiram desavenças políticas no grupo de redação, principalmente entre Mario Benedetti e Emir Rodríguez Monegal, decidiu-se lançar um novo título: *Temas*. [Benito Milla a Luis Mercier Vega (17/05/1964), em: Universidade de Chicago, IACF, S. VI, B. 566, F. 7]. Cf. também JANNELLO (2013b).

¹⁸ Ainda que *Mundo Nuevo*, voltada ao universo dos escritores, da literatura e da nova crítica, tenha sido a revista mais renomada (pelo menos durante o período em que foi dirigida por Emir Rodríguez Monegal e acompanhou o sonhado *boom* da literatura latino-americana), *Aportes* levou adiante, entre 1966 y 1972, um programa igualmente exitoso no âmbito das ciências sociais. Em suas páginas, eram frequentes assinaturas de renome continental e internacional como as de Gino Germani, Hélio Jaguaribe, Alberto Ciria, Fernando Alegría, Marcos Kaplan, José Nun, José Luis de Imaz, Aldo Solari, Gláucio A. D. Soares, François Bourricaud, Luis Millones, Mario Margulis, Juan Carlos Agulla, Calixto Masó, Irving Horowitz, Robert Paris, Florestan Fernandes, Orlando Fals Borda, Augusto Salazar

esquerdista que anunciava, em meio à Guerra Fria, o “fim das ideologias”. O programa, que contou com o assessoramento regional de Benito Milla, se desenvolveu em torno de vários eixos temáticos como “imperialismo”, “modernização na América Latina”, “formas de cooperação intelectual” ou “comunismo e coexistência pacífica”³², e teve sua expressão máxima num encontro organizado por Seymour Lipset e Aldo Solari em Montevideu, em 1965: “Seminário sobre a Formação de Elites na América Latina”³³.

Em que pesem as denúncias sobre seu financiamento, o projeto editorial foi intenso. De cada um desses espaços, pautaram-se publicações com diferentes editoras, algumas previsíveis, como Sur e Líbera, outras nem tanto, como Paidós e Jorge Álvarez. Esta última, embora tenha ficado na memória como uma editora da nova esquerda³⁴, havia celebrado um acordo com as revistas britânicas do CLC, *Encounter* e *Soviet Survey*, para traduzir uma série de artigos em pequenos *readers* temáticos. Além disso, editou para a sede argentina o volume *100 años de marxismo y clase obrera* (1965), resultado da conferência que Michel Collinet deu em Buenos Aires em 1964³⁵.

Embora o ILARI tenha tentado estabelecer vínculos com a EUDEBA, suas gestões nunca tiveram êxito nesse sentido. Em contrapartida, conseguiram acordos com a editora Paidós, com a qual editaram os volumes *Elites y desarrollo en América Latina* (1967), resultante do seminário de Montevideu³⁶; *Las Fuerzas Armadas hablan* (1968), de Jorge Ochoa Eguilor e Virgilio R. Beltrán; e *Migración y marginalidad en la Argentina*, de Mario

Margulis³⁷; esses dois últimos títulos são o resultado de pesquisas realizadas no marco do ILARI³⁸, e os dois primeiros foram publicados na coleção que Gino Germani e Enrique Buttelman coordenavam, “Psicología social y Sociología”. Também em 1967, produto de outra investigação, foram editados *El zen y la crisis del hombre* (1967), de David J. Vogelmann; e, em 1969, *Las guerrillas en América Latina*, de Luis Mercier Vega, na coleção “Mundo Moderno”.

Outras editoras menos renomadas, como a Cooperada de Derecho y Ciencias Sociales ou a Viracocha, publicaram títulos que foram, por anos, bibliografia obrigatória nas cátedras da Faculdade de Direito (UBA) – tal como ocorreu com *Los partidos políticos, Estructura y vigencia en la Argentina* (1963), que contou com contribuições de José Luis de Imaz, José Campobassi e Carlos Fayt, entre outros³⁹, ou *La naturaleza del peronismo* (1967), de Carlos Fayt, com contribuições de Marcos Kaplan, Alberto Ciria e Aldo Ferrer, entre outros⁴⁰. Além disso, publicou-se pela editora Troquel *La edición de libros en Argentina* (1964), uma das primeiras pesquisas coordenadas por Mercier Vega, a cargo de Raúl Bottaro⁴¹ e apresentação de Héctor A. Murena; e *Educación y sociedad en Argentina (1880/1900)* (1970), de Juan Carlos Tedesco⁴², por um selo pequeno, Panneidille, onde publicou-se também, em 1971, *El político armado: dinámica del proceso político argentino (1960/1971)*, de Carlos Fayt. Ainda em 1971, uma das últimas pesquisas promovidas pelo ILARI foi *Ideología y acción del*



Bondy, Lelio Mármora, Fernando Henrique Cardoso, Juan F. Marsal, Roger Bastide, Juan C. Tedesco e Atilio Borón, entre outros.

¹⁹ O ILARI edita com selo próprio entre 1970 e 1971, momento em que já se encontra enfraquecido, num crise terminal, por falta de financiamento.

²⁰ Esse era o acordo de referência, embora os acordos realizados com Sur e Paidós tenham implicado outras cifras. Por exemplo, para o livro *600 millones de chinos*, da coleção “Tercer Mundo”, coordenada por Murena, foram expedidos 1000 dólares, e para *Elites y desarrollo en América Latina*, de Paidós, a quantia chegou a 2000 dólares, o equivalente à compra de 800 exemplares, que o ILARI reservava para sua distribuição própria. Héctor Murena a Luis Mercier Vega (24/04/1966) e Horacio Rodríguez a Luis Mercier Vega (21/04/1966), Universidade de Chicago, Fundo IACF, S. VI, B. 558, F. 4.

²¹ O acordo era bastante vantajoso para as editoras que apenas deviam enviar ao CLC os exemplares adquiridos. Os direitos autorais ficavam com a

movimiento obrero argentino, do anarquista Jorge Solomonoff, que saiu sob os cuidados do selo anarquista Proyección⁴³.

Porém, sem dúvidas, a editora com a qual o escritório argentino mais editou foi Líbera, propriedade do socialista democrático Luis Pan⁴⁴. O primeiro título foi *La situación gremial en Argentina* (1964), um pequeno volume com contribuições de Leonardo Dimase, Alfredo Garófano e do discípulo de Gino Germani, Gerardo Andujar. Em 1965 publicaram-se *Sociedad, economía y reforma agraria*, com textos de Horacio Giberti, Aldo Solari, Gino Germani e Jorge Ochoa Aguilera; e *Universidad y estudiantes. Universidad y peronismo*, preparado por León Berdichevsky, Carlos Doria e Osvaldo Inglese. Em 1966 apareceram quatro novos títulos, dentre os quais *Del sociólogo y su compromiso*, com trabalhos de Juan Carlos Agulla, Gerardo Andujar e Norberto Rodríguez Bustamante⁴⁵. Em 1967 foram publicados três outros: *Los intelectuales argentinos y su sociedad*, para o qual colaborou também Rodríguez Bustamante junto a um conjunto variado de nomes, como o do psicólogo social e editor Enrique Butelman, o historiador Roberto Cortés Conde, o epistemólogo Gregorio Klimovsky e o pedagogo Gregorio Weinberg⁴⁶; *Federalismo y centralismo*, outro título de Carlos Agulla; e um terceiro livro sobre educação (KRATOCHWIL et al., 1967). Em 1968 foi lançada a pesquisa de Carlos Agulla *Eclipse de una aristocracia: Una investigación sobre las elites dirigentes de la ciudad de Córdoba*, e *Migración al sur (argentinos y chilenos en Comodoro Rivadavia)*, de Lelio Mármora. Por fim, em 1969, saiu

Cómo educan los argentinos a sus hijos, de Margot Romano Yalour de Tobar. Todos esses livros foram produto de diferentes encontros realizados no CALC durante esses anos, ao passo que os resultados de algumas das pesquisas foram publicados inicialmente em *Aportes*.

Além disso, produziu-se um vínculo bastante forte com a editora Sur através do mesmo Murena. Com esse selo editorial, o ILARI pautou a coleção “Tercer Mundo”⁴⁷, iniciada em 1964 com o volume de George Balandier, *África ambigua*⁴⁸. Os títulos, todos traduzidos, foram selecionados conjuntamente entre Mercier Vega e Murena. Embora os custos que Sur declarava fossem excessivamente altos para o ILARI, o acordo foi realizado porque

Embora Sur conte com a certeza de uma venda antecipada e segura desses exemplares, dado que oferece ao Congresso uma coleção quase própria, ou que, pelo menos, controla de forma discricionária, dentro de uma editora de cujo prestígio o Congresso passa, assim, a gozar lateralmente. Ou seja: tudo que o Congresso lhe dá (dinheiro e garantias), Sur lhe devolve integralmente (em livros pelo mesmo valor de dinheiro e prestígio).⁴⁹

Fora da coleção, Sur publicou também, em 1965, uma antologia da revista *Cuadernos*⁵⁰, na qual foram reunidos alguns textos literários e uma série de ensaios políticos (que era o que *Cuadernos* habitualmente publicava).

A outra margem do Rio da Prata



editora. Se o título alcançava sucesso, a editora podia reimprimir sem limite e, no caso de que se tornasse um fracasso, os custos estavam cobertos.

²² Principalmente o Centro Argentino contou com o maior orçamento da América Latina. Luis Mercier Vega a Horacio D. Rodríguez, [jan. 1965], Universidade de Chicago, IACF, S. VI, B. 558, F. 3.

²³ Em 1968, em algumas publicações, apenas Héctor Murena apareceu como responsável, e a partir de 1969 incorporou-se como responsável pela área de Ciências Sociais o pedagogo Juan Carlos Tudesco, que, por sua vez, editou sob o guarda-chuva do ILARI a *Revista de Ciencias de la Educación*.

²⁴ A AALC constituiu-se, basicamente, com membros do Partido Socialista e uma parte importante do grupo da revista *Sur*. Para uma descrição detalhada dessa etapa, remeto o leitor a meus trabalhos anteriores (JANNELLO, 2008, 2010, 2012, 2015). Cf. também NÁLLIM (2012).

²⁵ Mercier Vega a Juan A. Solari (23/09/1963), Universidade de Chicago, IACF, S. VI, B. 557, F. 10.

²⁶ Essas eram as aspirações de

No Uruguai o processo de expansão foi inicialmente mais lento, mas em meados de 1963 Montevideu já contava com dois grupos de trabalho: um coordenado por Aldo Solari – “O fenômeno terceirista”⁵¹ – e outro a cargo do anarquista Roberto Coteló – “A experiência da medicina legal no Uruguai”⁵². O segundo grupo não alcançou resultados, ao passo que o primeiro se consolidou com o livro *El tercerismo en el Uruguay*, publicado em 1965 pela editora Alfa e objeto de um longo debate público⁵³.

Ao contrário do que ocorreu na Argentina, colocar a sede uruguaia para funcionar tomou um pouco mais de tempo, mas em 1964 o exilado anarquista Benito Milla, que distribuía revistas do CLC desde os anos 1950, aceitou dirigi-la, o que significou uma solução para as edições desse escritório, que, a partir desse momento, passariam a ser canalizadas pela editora Alfa⁵⁴. No final daquele ano, o CUPC já estava em atividade, embora sua inauguração oficial tenha se dado alguns meses depois, em junho de 1965.

O primeiro ano foi intenso, mas a vasta experiência de Milla favoreceu o sucesso da empreitada. Em abril/maio, lançou-se o primeiro número da revista *Temas*; em meados do ano, foi recebido em Montevideu o escritor e ativista francês David Rousset, um sobrevivente de Buchelwald que denunciava os campos de trabalho soviéticos; e, ainda que o Seminário de Formação de Elites na América Latina, realizado em meados do ano, estivesse a cargo de Aldo Solari, o CUPC se dispôs a receber os convidados e participantes e preparou, aproveitando a chegada do autor, Seymour

Lipset, a edição de *Estudiantes universitarios y política en el Tercer Mundo* (1965), na coleção “Mundo Actual”, da Alfa. Projeta-se, em paralelo, um programa próprio de pesquisa sociológica sob a direção do sociólogo Dionisio Garmendia⁵⁵, que reúne um grupo de jovens para pesquisar “a evolução do Uruguai moderno”⁵⁶.

Além disso, Benito Milla trabalha de maneira tranquila com Emir Rodríguez Monegal, que pouco tempo depois estaria dirigindo *Mundo Nuevo* e que, naquele momento, se somava às atividades da editora Alfa⁵⁷. Por ocasião da visita de Pierre Emmanuel, Alfa publica *La poesía ¿Arte moribundo?*, um pequeno livro do escritor francês, editado como segundo título da coleção “La poesía”.

Depois do agitado ano anterior, no qual o CUPC teve que lidar com as polêmicas suscitadas pelo Seminário sobre a Formação de Elites, exacerbadas pelas denúncias do Plano Camelot, o ano de 1966 não deu trégua ao ILARI, que, ao lançar suas novas revistas, teve de enfrentar as acusações do *New York Times* sobre o financiamento do CLC. Porém, é principalmente o CUPC que se vê no olho do furacão da Guerra Fria cultural latino-americana por causa da animosidade prévia – agravada pela Guerra Fria – entre o novo diretor de *Mundo Nuevo*, Emir Rodríguez Monegal, e o crítico Ángel Rama, que reproduziu as denúncias no semanário *Marcha*⁵⁸.

Apesar de toda a confusão, *Aportes* e *MN* seguiram seus programas e o Centro montevideano continuou seu trabalho. Além das habituais mesas redondas e das exposições na galeria de arte, Milla propôs ao ILARI a criação da coleção “Documentos”, que publicaria “materiais obtidos através de pesquisas técnicas [...]”



Mercier Vega, expressas numa carta de janeiro de 1965. Mercier Vega a Horacio D. Rodríguez (18/01/1965), Universidade de Chicago, IACF, S. VI, B. 558, F. 3.

²⁷ As atividades do ILARI incluíam, além dos espaços de pesquisa sociológica, galerias de arte, bibliotecas, seminários e grupos de pesquisa em áreas como literatura, crítica, artes plásticas, cinema e teatro. Por uma questão de extensão, detenho-me aqui à produção estritamente sociológica.

²⁸ Luis Mercier Vega a Benito Milla (13/03/1964), Universidade de Chicago, IACF, S. VI, B. 566, F. 7.

²⁹ Luis Mercier Vega a José Grunfeld (21/11/1962), Universidade de Chicago, IACF, S. VI, B. 557, F. 9.

³⁰ Os primeiros grupos foram: “A reformulação da Reforma Universitária”, coordenado pelo jovem engenheiro da UBA León Patlis; “Aspectos do fenômeno peronista em Rosário”, coordenado pelo historiador anarquista Ángel Cappelletti; e “A crise das editoras argentinas e as soluções latino-americanas”, elaboração de Raúl H. Bottaro.

preocupad[a]s com a problemática atual da América Latina e com suas possibilidades de transformação e desenvolvimento econômico, político e social”, e um de seus principais objetivos seria “a divulgação dos estudos mais necessários e importantes que se realizam na América Latina e que comumente não chegam ao grande público”⁵⁹. Desse modo, Alfa concretizava as aspirações iniciais do ILARI de publicar estudos de organismos como a CEPAL, FLACSO e DESAL⁶⁰.

A coleção “Documentos” começou em 1966 com um estudo realizado pelo sociólogo Enrique Iglesias⁶¹ para a Comissão de Pesquisas e Desenvolvimento Econômico, *Uruguay: una propuesta de cambio*, e continuou no ano seguinte com *Uruguay 67: una interpretación*, resultado de um trabalho coordenado por Garmendia⁶², e *Uruguay 67: el paisaje uruguayo*, do antropólogo Daniel Vidart⁶³.

Além disso, na coleção “Carabela” publicou-se o vencedor do Prêmio Ensayo Alfa 1966, *Ideologías y cambios sociales*, de Julio Barreiro⁶⁴. Filósofo e cientista político, Barreiro havia se formado em Paris com Maurice Duverger, dedicando-se a uma leitura humanista do pensamento de Marx⁶⁵. No ano seguinte, na mesma coleção, foram lançados *El desarrollo social del Uruguay en la posguerra*, de Aldo Solari, e *36 años de poesía uruguaya*, resultado do trabalho de uma equipe coordenada por Alejandro Paternain⁶⁶. Por fim, também em 1966 e fora da coleção, publicou-se *Literatura Uruguaya del medio siglo*, de Emir Rodríguez Monegal⁶⁷.

No final de 1967, Benito Milla migrou para Caracas com o projeto de Monte Ávila. Quem o substituiu na coordenação do CUPC é Fernando Aínsa, escritor, crítico e ensaísta que comungava de seus ideais libertários. A partir dessa época, não se registram edições em Montevideu. Milla, no entanto, segue vinculado ao ILARI e cria uma coleção em Caracas, onde publica uma série de livros que são, basicamente, compilações extraídas dos dossiês da *Aportes*, sob a supervisão de Mercier Vega⁶⁸.

Breves conclusões

Embora o ILARI tenha nascido sob o estigma de seu financiamento, os intelectuais que o lideraram utilizaram diversos recursos ao seu alcance para produzir uma série de discursos que não ficaram presos à lógica efêmera e instrumental da “propaganda” ou da “contrapropaganda”. Buscando esquivar as etiquetas ideológicas desses anos conturbados, os homens e mulheres do ILARI – “elementos disfarçados da subversão” para os militares golpistas, ou “agentes de forças reacionárias” para as esquerdas comunistas (“NUESTRA...”, 1970) – conseguiram instalar, durante vários anos, um espaço de produção e edição significativo, comprometido com o processo de afirmação da nova sociologia científica. Obras já clássicas da renovação da ciência social rio-platense foram produzidas e editadas com seu apoio. Longe de reunir um conjunto direitista e conservador, o ILARI buscou convocar figuras dentro de um amplo leque ideológico, que, como vimos, incluía as vertentes antiestalinistas da esquerda. Se o “centro” ideológico – Germani,



³¹ Nesse marco, em 1964 o CLC trouxe a Buenos Aires os historiadores Brian Crozier e Max Belfoff, o historiador do sindicalismo Michel Collinet e o apurista Víctor R. Haya de la Torre; em contrapartida, Héctor A. Murena, Aldo Solari, Gino Germani e Norberto Rodríguez Bustamante, entre outros, realizaram turnês de conferências na América Latina.

³² Anos mais tarde, esse programa foi substituído pelo Programa Continental de Estudos Sociais, dirigido pelo sociólogo paraguaio Domingo Rivarola, diretor do CPES e da RPS.

³³ Benito Milla a Luis Mercier Vega (26/4/1964 y 9/5/1964), Universidade de Chicago, Fondo IACF, S. VI, B. 566, F. 7.

³⁴ O seminário começou a ser planejado em 1962 e contou com o economista e sociólogo chileno Jorge Ahumada como presidente de honra. Realizou-se entre os dias 6 e 11 de junho de 1965 e causou polêmica: no dia seguinte ao encerramento, o dia 12 de junho, veio à tona no jornal El Siglo, de Santiago do Chile, o escândalo do Plano Camelot. Menos espetacular foi o seminário organizado em 1962 pelo escritor venezuelano

Aldo Solari – estava flanqueado à “direita” por algumas figuras como José Luis de Imaz, é significativo o contrapeso dos jovens sociólogos esquerdistas que participavam dos grupos de pesquisa e dos “Martes informales”, ou colaboravam na revista *Aportes*, de Beba Balbé e José Nun até Marcos Kaplan e Mario Margulis, passando por Atilio Borón e Juan Carlos Tedesco⁶⁹.

Não obstante, talvez um dos aspectos mais surpreendentes é verificar a existência de redes libertárias e anarquistas vinculadas a essa modernização. Tal como mencionei no princípio, o anarquismo naqueles anos era considerado complementemente diluído e desmembrado. Entretanto, e principalmente no Uruguai, pudemos detectar um tecido de solidariedades que subjaz e se rearma nos circuitos proporcionados pelo ILARI. A visibilização desses vínculos (que se enraízam muito antes, na década de 1930) merece, ela própria, um estudo mais minucioso.

Referências

- ALBA, Víctor. *Sísifo y su tempo. Memorias de un cabreado (1916-1996)*. Barcelona: Laertes, 1996.
- AZÚA, Carlos Real de. *Tercera posición, nacionalismo revolucionario y Tercer Mundo: Una teoría de sus supuestos*. vol. III. Montevideo: República Oriental del Uruguay. Cámara de Representantes, 1997.
- BLANCO, Alejandro. *Razón y modernidad. Gino Germani y la sociología en la Argentina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2008.
- CHAVES, Wanderson. *O Brasil e a recriação da questão racial na pós-guerra: um percurso a través da história da Fundação*

Ford. Tese (Doutorado em História Social). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2011.

_____. “As agendas culturais da Guerra Fria e o ‘Programa Ideológico’ a CIA e a Fundação Ford na atração às elites intelectuais”, *Angelus Novus*, ano VI, n. 9, 2015, p. 123-152

CLC. *The Congress for Cultural Freedom. June 1950-december 1955*. Paris: Congrès pour la liberté de la culture, s.d.

COLEMAN, Peter. *The Liberal Conspiracy. The Congress for Cultural Freedom and the struggle for the mind of Postwar Europe*. Nova York: The Free Press, 1989.

FRANCO, Rolando (Coord.). *Sociología del desarrollo, políticas sociales y democracia. Estudios en homenaje a Aldo E. Solari*. México, DF: CEPAL-Siglo XXI, 2001.

GERMANI, Ana A. *Gino Germani. Del antifascismo a la sociología*. Buenos Aires: Taurus, 2004.

GIL, Gastón J. *Las sombras del Camelot. Las ciencias sociales y la Fundación Ford en la Argentina en los '60*. Mar del Plata: EUDEM, 2011.

GLONDYS, Olga. *La Guerra Fría cultural y el exilio republicano español*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 2012.

GRÉMION, Pierre. *Intelligence de l'anticommunisme: le Congress pour la Liberté de la Culture, Paris 1950-1975*. Paris: Fayard, 1995.

IBER, Patrick. *Neither peace or freedom. The cultural Cold War in Latin America*. Cambridge: Harvard University Press, 2015.

JANNELLO, Karina. “Influencias de la Guerra Fría en Argentina. Modelos heredados”, *V Jornadas de Sociología de la UNLP*, La Plata, 10-12 dez. 2008.

_____. “El Congreso por la Libertad de la Cultura en la Argentina: entre el Grupo Sur y el Partido Socialista”, *VI Jornadas de Sociología de la UNLP*, La Plata, 9-10 dez. 2010.



Mariano Picón Salas, “A revolução como mito e como intervenção nas realidades sociais”. “Provisional agenda. Seminar on the formation of elites in Latin America”, Universidade de Chicago, Fundo IACF, S. VI, B. 566, F. 6.

³⁵ Editor dos economistas marxistas da *Monthly Review*, assim como de autores locais da nova esquerda latino-americana, como David Viñas, Oscar Massotta, Eliseo Verón e Eduardo Galeano.

³⁶ Collinet deu duas conferências na Faculdade de Filosofia e Letras da UBA: “A evolução do movimento operário nos últimos cem anos” e “A evolução das classes assalariadas nos últimos cem anos”, esta última apresentada por Gino Germani. Anos mais tarde (1968), Jorge Álvarez publicou a tese de Alberto Ciria – cujos resultados preliminares haviam sido publicados em *Aportes* –, *Partidos políticos y poder en la Argentina moderna (1930-46)* e *Los reformistas*; embora não se tratem de edições programadas pelo ILARI, foram promovidas em suas revistas.

³⁷ Esse volume também teve duas edições em inglês, pelos selos

_____. *Intelectuales, revistas, redes editoriales y Guerra Fría. El Congreso por la Libertad de la Cultura en América Latina*. Tese (Mestrado). Buenos Aires: UNSAM-IDAES, 2012.

_____. “Las políticas editoriales del socialismo argentino bajo la Guerra Fría. Las redes editoriales socialistas y el Congreso por la Libertad de la Cultura”, *Papeles de trabajo*, ano 7, n. 12, 2013, p. 212-247.

_____. “El Boom latinoamericano y la Guerra Fría cultural”, *Ipotesi*, vol. 17, n. 2, 2013b, p. 115-133.

_____. “Los intelectuales de la Guerra Fría: una cartografía latinoamericana (1953-1962)”, *Políticas de la Memoria*, n. 14, 2014, p. 79-101.

_____. “La intelectualidad liberal bajo la Guerra Fría: La sede argentina del Congreso por la Libertad de la Cultura (1953-1964)”, *Acta sociológica*, n. 68, set.-dez. 2015, p. 9-47.

KING, John. *El Di Tella*. Buenos Aires: Arte Gaglianone, 1985.

KRATOCHWIL, Germán; URANGA, Sofía S., KARP, Silvia. *Frenos económicos y sociales para la educación*. Buenos Aires: Líbera, 1967.

LOS GIMENÓLOGOS. *En busca de los hijos de la noche. Notas sobre los recuerdos de la guerra de España de Antoine Giménez*. La Rioja: Pepitas de Calabaza, 2009.

MOREJÓN ARNAIZ, Idalia. *Política y polémica en América Latina. Las revistas Casa de las Américas y Mundo Nuevo*. México, DF: Educación y Cultura, 2010.

MUDROVCIC, María Eugenia. *Mundo Nuevo. Cultura y Guerra Fría en la década del 60*. Rosario: Beatriz Viterbo, 1997.

NÁLLIM, Jorge A. “Redes transnacionales, antiperonismo y Guerra Fría. Los orígenes de la Asociación Argentina por la Libertad de la Cultura”, *Prismas*, vol. 16, n. 1, jun. 2012, p. 121-141.

“NUESTRA ambición”, In: *Trabajos. Instituto Latinoamericano de Relaciones Internacionales. Boletín Informativo*, n. 11, out. 1970, p. 1.

SCOTT-SMITH, Gilles. *The Politics of Apolitical Culture: The Congress for Cultural Freedom and the Political Economy of American Hegemony, 1945-1955*. Londres: Routledge, 2002.

STONOR SAUNDERS, Frances. *La CIA y la Guerra Fría cultural*. Madri: Debate, 2001;

TORRES, Alejandra Torres. *Lectura y sociedad en los sesenta: a propósito de Alfa y Arca*. Montevideo: Yaugurú, 2012.

TRAVERSO, Enzo. *¿Qué fue de los intelectuales?* Buenos Aires: Siglo XXI, 2014.

VERA, Juan Manuel. “Entrevista a Ignacio Iglesias”, *Trasversales*, n. 1, 2006, p. 8-13.



Galaxy Books (Nova York) e Oxford University Press (Londres), em 1967, intituladas *Elites in Latin America*.

³⁸ Reeditada em 1974, quando o ILARI já não existia; os resultados preliminares desse trabalho haviam sido publicados no terceiro número da revista *Aportes* com o título “Sociología de las migraciones”, p. 4-23. Além disso, Margulis publicou em *Aportes* n° 15 o artigo “Aspectos ideológicos y psicosociales de la marginalidad”, p. 110-117.

³⁹ Os resultados preliminares da pesquisa de Beltrán foram apresentados em *Aportes* n° 6 (out. 1967), com o título “Preliminar. Dos revoluciones en naciones nuevas: Argentina 1943, Egipto 1952”. Além disso, em 1970, a editora Monte Ávila (de Benito Milla) publicou em Caracas uma continuação desse trabalho, *El papel político y social de las Fuerzas Armadas en América Latina*.

⁴⁰ Também colaboraram Mario Justo López e Luis Pan. Trata-se de uma compilação do ciclo de conferências “Estrutura e vigência dos partidos políticos argentinos” realizado na AALC entre outubro e novembro de 1962, organizadas por seu Ateneo Juvenil.

⁴¹ O livro tornou-se muito polêmico na ocasião e foi referência durante anos. O livro está dividido em três partes: I. Tese do autor, II. Interpretações (estado da questão) e III. Confrontações (intercâmbio epistolar de debate com diferentes intelectuais).

⁴² Naquela ocasião, secretário geral da Câmara Argentina do Livro.

⁴³ Esse título foi reeditado pelo CEAL (1982) e pela editora Solar (1986 e 1993) com o título *Educación y sociedad en Argentina 1880-1945*.

⁴⁴ Algumas pesquisas realizadas entre 1970 e 1971 não foram publicadas sob a mediação do ILARI; no entanto, foram publicadas em livro posteriormente, como ocorreu com *Movilidad social en una sociedad dependiente*, de Juan Carlos Rubinstein, pesquisa realizada no CALC entre 1968 e 1969, e publicada pela Corregidor em 1973. “Actividades del Centro Argentino por la Libertad de la Cultura durante el año 1968”, Universidade de Chicago, Fundo IACF, S. VI, B. 558, F. 6.

⁴⁵ Vinculada à rede de editoras socialistas. Cf. JANNELLO (2013).

⁴⁶ Os outros três livros foram: *De la industria al poder*, com autoria coletiva de Delbert G. Miller, Eva Chamorro e Juan Carlos Agulla; *La educación y las comunicaciones de masas en la República Argentina*, de Héctor Hugo Coda; e *La censura en el cine*, volume no qual colaboraram Héctor Grossi, José David Kohon, Dalmiro Sáenz, Virgilio Rafael Beltrán e Juan Carlos Gotti Aguilar.

⁴⁷ Também colaboraram: José Babini, Sergio Bagú, Alfredo Lanari, Guillermo Maci, Fryda Schultz de Mantovani, Adelmo Montenegro, Leopoldo Portnoy, Gilda Romero Brest, Enrique Silberstein, Thomas Moro Simpson e María M. Andrés de Varela.

⁴⁸ A coleção foi inicialmente planejada para ser publicada também no Rio de Janeiro, sob a coordenação de Vicente Barreto, a cargo do comitê brasileiro. Primeiro, firmou-se um acordo com a editora Letras e Artes, em 1964, responsável pelo primeiro volume, e logo, em 1965, firmou-se um contrato com a José Álvaro Editor. Apesar disso, não consegui encontrar nenhum dos livros dessa coleção editados em português durante aqueles anos.

⁴⁹ A coleção prosseguiu em 1964 com *600 millones de chinos*, de Robert Guillain, e *El mundo árabe actual*, de Morroe Berger; em 1965, com *Vietnam Norte: del colonialismo al comunismo*, de Hoang Van Chi; 1966, com *Civilización china y burocracia*, de Etienne Balazs; 1967, com *Mecanismos de poder en América Latina*, de Mercier Vega, e *Poder y sociedad en el Perú contemporáneo*, de François Bourricaud (ambos traduzidos por Roberto Bixio); 1968, com *Historia moderna del Japón*, de W. G. Beasley. A partir de agosto de 1966, embora o selo da Sur se mantivesse, o fundo editorial foi absorvido pela Sudamericana, que continuou editando os títulos da coleção. Héctor Murena a Luis Mercier Vega (30/08/1966), Universidade de Chicago, Fundo IACF, S. VI, B. 558, F. 4.

⁵⁰ Sur recebia o pagamento de mil dólares por cada título impresso, valor que cobria a compra de exemplares com um desconto de 30% (o mesmo que se dava às livrarias). Héctor Murena a Luis Mercier



Vega (24/04/1966), *op. cit.*

⁵¹ *Expresión del pensamiento contemporáneo. Una selección de los doce años de la revista Cuadernos del Congreso por la Libertad de la Cultura.*

⁵² O grupo que Solari havia projetado inicialmente era formado pelo jovem reformista Alfredo Errandonea e pelo ensaísta Ángel Rama. No entanto, essa aliança não prosperou e o trabalho foi concluído unicamente por Solari [(30/3/1963), Luis Mercier Vega a John Hunt, Universidade de Chicago, Fundo IACF, S. II, B. 2367237, F. Mercier Vega].

⁵³ O grupo era formado por “vários médicos do Sindicato Médico (Ferreiro, Deleone, [José B.] Gomensoro)”. “Memo [de trabajo]”, Montevideo, 3 de agosto de 1963. Universidade de Chicago, Fundo IACF, S. VI, B. 566, F. 6. Esse grupo era formado principalmente por anarquistas militantes do Sindicato Médico do Uruguai que compartilharam previamente, nos anos 1930, a experiência de participar da revista *Esfuerzo*, dirigida por José María Ferreiro, e que tinha entre seus redatores Luce Fabbri, Federico Ruffinelli e Roberto Coteló, entre outros. Muitos deles também militavam na Comunidad del Sur (anarquista), da qual também participava Milla.

⁵⁴ O livro “está suscitando fortes comentários e não menos fortes reprovações no setor marchista”, comentava Benito Milla a Luis Mercier Vega [(21/12/1965), Universidade de Chicago, Fundo IACF, S. VI, B. 566, F. 8]. O ensaio de Solari é crítico ao terceirismo cubano e suscita réplicas de Arturo Ardao e Carlos Real de Azúa. Sobre a polêmica produzida por *El tercerismo...*, cf. AZÚA (1997).

⁵⁵ Por sugestão de Milla, Mercier Vega contratou inicialmente Nancy Bacelo, mas a experiência não dá certo (Bacelo estava organizando, para aquela data, a Feria del Grabado). Finalmente, numa carta datada de 24 de julho de 1964, Milla aceita dirigir o CUPC. Benito Milla a Mercier Vega (24/06/1964), Universidade de Chicago, Fundo IACF, S. VI, B. 566, F. 7.

⁵⁶ Dionisio Jorge Garmendia, formado em Direito, era um dos fundadores do Centro Latino-Americano de Economia Humana (CLAEH). Pelos nomes que logo o acompanham, pode-se deduzir que os jovens que ele reúne para esse projeto foram convocados a partir desse centro.

⁵⁷ “Informe al Secretariado Latinoamericano con motivo de la reunión informativa de Lima, 29/11/1965”, Universidade de Chicago, Fundo IACF, S. VI, B. 566, F. 8.

⁵⁸ O CUPC tem início na tranquila Montevideu com um ciclo de mesas que geram polêmica. Uma delas, “As condições do diálogo”, realizada no dia 13 de agosto de 1965, reúne Carlos Real de Azúa, Carlos Martínez Moreno, Haber Conteris, Emir Rodríguez Monegal e o próprio Milla, renomados intelectuais que se dispõem a debater o terceirismo, tão polêmico por sua condição “neutralista” (ibid.).

⁵⁹ *Aportes* não foi tão afetada quanto *Mundo Nuevo*, que nasceu sob o estigma do debate entre Roberto Fernández Retamar e Emir Rodríguez Monegal. Em Montevideu, Ángel Rama atuava a partir do suplemento literário de *Marcha*. Sobre a polêmica envolvendo *MN* e as denúncias sobre seu financiamento, cf. MUDROVCIC (1997). Sobre a polêmica Fernández Retamar-Monegal, cf. MOREJÓN ARNAIZ (2010).

⁶⁰ “Proyecto Editorial” em Benito Milla a Luis Mercier Vega (25/06/1966), Universidade de Chicago, Fundo IACF, S. VI, B. 566, F. 9.

⁶¹ Agradeço Alejandra Torres Torres, que generosamente possibilitou meu acesso ao catálogo da Alfa, confeccionado para sua tese (TORRES, 2012).

⁶² Colega de Aldo Solari na UDELAR desde os anos 1950. Cf. FRANCO (2001).

⁶³ Trata-se de uma compilação na qual também colaboraram Juan Luis Segundo e Pedro Olmos.

⁶⁴ O título completo foi *Uruguay 67: el paisaje uruguayo. El medio biofísico y la respuesta cultural de su habitante.*



⁶⁵ Reeditado alguns anos mais tarde na coleção “Carabela mayor” (1971). Na década de 1980, foi reeditado pela Fundación de Cultura Universitaria (1985).

⁶⁶ A revista *Temas* n. 8 fez um perfil do autor, e marca que seu primeiro livro, *La noción del hombre según Marx*, saiu em 1964, mas não há indicação da editora e eu não pude falar com ele. Em 1968, Milla publica seu livro *La sociedad justa* na editora Monte Ávila. Apesar de seu anticomunismo, expresso de modo contido, o ILARI propôs uma abordagem ampla e científica, que incorporava o estudo do marxismo herético; nessa mesma linha, no Chile, foram organizados alguns encontros com Marcelo Segall, além de grupos de estudo com leituras de Karl Korsch, por exemplo; na Argentina, Horacio Rodríguez sugeriu a Mercier Vega que fosse publicado, por ocasião dos 150 anos do nascimento de Marx, um volume de Rodolfo Mondolfo que, finalmente, saiu em 1968 pela editora Líbera: *Bolchevismo y capitalismo de estado (Estudios sobre la revolución rusa)*.

⁶⁷ O trabalho de pesquisa logo seria reeditado em dois volumes pela Capítulo (Centro Editor de América Latina).

⁶⁸ Embora tenha sido uma iniciativa própria da Alfa, Milla conseguiu que o ILARI destinasse 100 dólares para a compra de exemplares.

⁶⁹ O ILARI decidiu “confiar” na Monte Ávila porque “estamos muito centrados nos países do Prata [...] e precisamos ir instalando-nos no Norte”. Mercier Vega a Héctor Murena. Universidade de Chicago, Fundo IACF, S. VI, B. 558, F. 6. Entre outros títulos a editora venezuelana publicou, em 1968, *La sociedad justa*, de Julio Barreiro, e *América Latina: contribuciones al estudio de su crisis*, de Alberto Ciria; em 1969, *Estado en el desarrollo y en la integración de América Latina*, de Marcos Kaplan; e em 1970, *El papel político y social de las Fuerzas Armadas en América Latina*, de Rafael Beltrán, e *Anarquismo ayer y hoy*, de Luis Mercier Vega.

⁷⁰ Outro grupo de nomes vinculados ao campo dos escritores ficou de fora por uma questão de extensão. A modo de exemplo, podemos mencionar que, de uma maneira ou outra participaram no ILARI Mario Vargas Llosa, Oscar Massota, Paco Urondo e Edgardo Coza